



Osvaldo Cabral

osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

DIÁRIO
inconveniente

SPER, o nosso vírus regional

O SPER é o acrónimo açoriano que nos deixa mais aterrorizados. É o conjunto de empresas públicas regionais (Sector Público Empresarial da Região Autónoma dos Açores), que os nossos governantes foram fundando ao longo das últimas décadas, resultando numa pandemia de prejuízos ruinosos que estamos a herdar de muitas legislaturas.

É que antes da pandemia, o SPER já tinha covid.

Se há herança mais desgraçada que se pode deixar a descendentes é um monte de dívidas.

Disto se podem queixar as próximas gerações, que vão ter de pagar o rol de asneiras que fizemos nestes últimos anos.

Não é apenas o longo historial de dívida pública regional; é, também, a destruição de riqueza que se fez à custa de gestões ruinosas, interesses de clientelas políticas e muita incompetência funcional.

Em menos de uma década, a nossa governação cometeu a proeza de destruir uma companhia de aviação de que todos nos orgulhámos, deu cabo de uma fábrica de açúcar e do cultivo da beterraba e ainda nos deixa uma coisa chamada Saudaçor, com um buraco de quase 800 milhões de euros para a geração 'millennial' se coçar até à outra seguinte.

Nunca se viu tanto desleixo na gestão da coisa pública. E os políticos não percebem que é disto que também se faz a abstenção.

Pode não parecer aos mais distraídos, mas as facturas dos desaires de toda essa gestão podem demorar algum tempo mas acabam sempre por chegar.

A da SATA, por exemplo, chega na forma vergonhosa como tivemos que nos ajoelhar a Bruxelas a pedir autorização para um empréstimo e ainda saímos de lá com um valente puxão de orelhas sobre eventuais ilegalidades nos aumentos de capital; depois é tudo o que nos vai sair dos bolsos e do impacto de tudo isto no rating dos Açores, o que agrava toda a dívida que precisar ser emitida, que será quase toda, como avisou agora a agência de notação canadiana DBRS, ao colocar-nos apenas a um nível acima de lixo!

Outra factura é esta de, mais uma vez, termos ido segunda-feira ao mercado para realizar uma emissão de 285 milhões de euros em dívida, com uma taxa de juro de 0,6%, muito mais do que está a pagar a República.

Isto diz bem de como as instituições financeiras nos olham.

O cidadão comum não tem os mesmos olhos, até porque as contas do rol de todo este drama nunca estão devidamente disponíveis, nem tão pouco explicadas para que toda a gente perceba.

Basta consultar as contas do tal SPER, relativas ao primeiro trimestre deste ano, agora discretamente disponibilizadas em Julho à Assembleia Regional (no site da DROT nem as ver, nem mesmo as do ano passado!).

Elas são a expressão do período pré-covid de 2020, a continuação do descalabro, imaginando-se o que não será a era pós-covid...

A crise do primeiro trimestre regista um défice conjunto de 23,8 milhões de euros, pese embora os resultados positivos no grupo EDA e pese embora a subsidiação da ordem dos 44 milhões de euros.

Só os hospitais já vinham com um défice de exploração da ordem dos 10 milhões de euros. Não admira que não estivessem preparados para a pandemia, tão malparado andava o seu financiamento, sem investimento nos recursos humanos e nos equipamentos.

A SATA Air Açores já levava um défice de exploração de 3,3 milhões e a Internacional de 17,8 milhões, somando 20 milhões negativos entre as duas. Ainda alguém vai dizer que foi culpa das duas semanas finais de Março.

Se somarmos o desaire dos resultados líquidos à fatura de subsídios temos um gasto implícito de cerca de 80 milhões de euros!

É caso para se dizer que antes de chegar a covid, a pandemia financeira já cá estava, em força.

Este cenário não augura nada de simpático para o que aí vem no segundo trimestre.

Até a desafortunada Azorina, que assumiu para exploração própria a Caldeira Velha, estará a braços com os custos com pessoal e sem receita no segundo trimestre, para acrescentar aos resultados negativos ainda mais valores negativos.

Grupo EDA à parte (a tal que distribui dividendos pelos accionistas e depois vai à banca contrair empréstimos para investimentos, que vamos todos pagar na factura da luz) as únicas felizardas em resultados são, imagine-se, a Ilhas de Valor e a SINAGA.

E porquê?

Porque receberam subsídios equivalentes ao dobro dos resultados!

É esta gestão de mercearia que faz aquele retrato dos Açores publicado pela Pordata: uma região cheia de milhões e com resultados desoladores em todos os sectores.

Mas não nos preocupemos. Alguém há-de pagar.

Não foi um génio da governação recente, da mesma escola, que disse que as dívidas não se pagam, "gerem-se"...

Pois as gerações seguintes que tratem disso.

	Resultado Líquido I Trimestre (€)	Subsídios I Trimestre (€)
HDES	-5,436,154	23,911,425
HSE	-3,294,065	14,209,457
HH	-1,352,514	6,204,725
Sata Air Açores	-3,362,364	9,058,110
Sata Internacional	-17,840,025	14,307
Sata Aerodromos	3,121	0
Naval Canal	5,333	0
Atlanticoline	-132,724	0
Portos dos Açores	-357,538	0
Lotacor	-235,466	0
Santa Catarina	5,622	99,544
Ilhas de Valor	361,095	750,982
SINAGA	308,534	600,841
PosJuv StoCristo	-3,155	0
EDA	3,868,991	0
Globaleda	78,034	0
EDA Renováveis	3,467,374	0
SEGMA	194,488	2,100
AZORINA	-78,465	788662
Teatro Micaelense	-2,474	206,250
IROA	1,775	486945
SDEA	14,999	428,358
Totais	-23,785,578	56,761,706
Hospitais	-10,082,733	44,325,607
Outros	-13,702,845	12,436,099